

NOVA ORGANIZAÇÃO PARA A CAVALARIA

Por um grupo de Instrutores da ECEME (*)

1. O estudo de reestruturação das Forças Terrestres Nacionais — ponto focal da organização do Exército Brasileiro — ressaltou de maneira muito clara a deficiência da atual organização da Cavalaria.

Dentro de um sentido puramente profissional e construtivo foi realizado este estudo, que é fruto da pesquisa de um grupo de instrutores da ECEME e visa dar uma contribuição aos estudos realizados pelo EME, ao mesmo tempo que utiliza o grande laboratório da doutrina militar brasileira, que é aquela Escola, para testar a validade das conclusões apresentadas.

2. RAZÕES QUE LEVARAM AO ESTUDO DE UMA NOVA ORGANIZAÇÃO.

A atual Divisão de Cavalaria não tem condições para cumprir, em toda a sua plenitude, as missões clássicas da Arma, pelas seguintes razões:

2.1 — Velocidade e raio de ação insuficientes para operar no âmbito de forças compostas de GU motorizadas ou semi-motorizadas.

A possibilidade de motorização, pelo menos parcial, de nossas DI é um fato incontestável. O desenvolvimento do sistema de transportes, o crescimento vertiginoso da indústria automobilística, as perspectivas na produção de petróleo, as grandes distâncias a vencer, tudo isso nos leva a afirmar que, em caso de operações, nossas DI empregarão o transporte motorizado, na maior escala possível. As viaturas poderão ser de dotação orgânica, postas em reforço ou, como tem ocorrido em missões de segurança interna, requisitadas do meio civil.

(*) Cooperaram neste trabalho, sob a chefia do Ten-Cel Cav Jorge Frederico Machado de Sant'Anna, os seguintes oficiais: Ten-Cel Eng Alberto de Leo, Ten-Cel Art Jorge Alves de Souza, Ten-Cel Cav Carlos Alfredo Malan de Paiva Chaves, Maj Inf Ari Capela, Maj Cav Armando de Moraes Ancora Filho, Maj Cav Armando Luiz Malan de Paiva Chaves, Maj Cav Clovis Jacy Burmann, Maj Com José Nadir Novis, Maj Cav Deocleciano Azambuja, Maj Cav Francisco Rodrigues Fernandes Júnior e Maj Art Alvaro Attila Alvetti.

Diante desse fato, a DC deixou de ser a GU da "Arma mais rápida no conjunto do campo de batalha" e, em consequência, perdeu as condições para o cumprimento da quase totalidade de suas missões. Algumas unidades da divisão possuem grande velocidade e raio de ação; entretanto, a GU como um todo está condicionada à mobilidade de seus regimentos a cavalo.

Assim, a atuação da DC fica condicionada a duas alternativas, ambas indesejáveis:

- sacrificar o conjunto das forças, pela lentidão com que a Cavalaria irá operar em seu proveito, ou,
- atribuir à Cavalaria, *um papel secundário* no quadro das operações, limitando seu emprego às frentes de menor importância ou empregando-a como unidade de economia de forças.

As Forças Terrestres Brasileiras necessitam possuir Unidades e Grandes Unidades de Cavalaria ajustadas às condições de terreno e aos meios em presença e que apresentem mobilidade superior às forças para as quais atuam.

2.2 — Composição heterogênea da DC, resultante da existência de unidades hipomóveis, motorizadas e mecanizadas, sob um mesmo comando.

O manual de campanha C 2-15 — Emprego da Cavalaria — apresenta, entre as dificuldades para o exercício do comando, a decorrente "da dissociação que, em todos os movimentos, se deve produzir entre os elementos hipomóveis e automóveis". Além do problema da dissociação nos movimentos, há um aproveitamento incompleto das características e possibilidades dos referidos elementos, quando atuando em conjunto. A grande velocidade e raio de ação dos mecanizados fica subordinado ao deslocamento lento dos meios hipomóveis, os quais, dentro da DC, constituem o elemento à disposição do comandante, para impor sua vontade ao inimigo. Há ocasiões em que surge a necessidade da utilização de regimento hipomóveis, em terrenos de características difíceis e onde é exigida uma grande fluidez. Quando isso ocorre, as Unidades motomecanizadas podem ser relegadas a plano secundário. Existe, efetivamente, grande dificuldade em combinar, neste escalão, sob um mesmo comando tático, elementos de características tão diversas. Não há conciliação, mas tão somente, problemas para o exercício do comando e para o aproveitamento total das possibilidades dos referidos elementos.

2.3 — Diferença de potência entre os elementos motomecanizados e os hipomóveis.

Os RC existem na DC para constituírem as peças básicas da manobra. É pelo seu emprego que o comandante divisionário deve realizar as ações decisivas.

Em épocas de modestas possibilidades de motorização e de precária infra-estrutura viária, a aptidão dos regimentos a cavalo para vencer obstáculos e sua notável fluidez asseguravam-lhes posição destacada na manobra.

Atualmente, além da mobilidade insuficiente em terrenos compatíveis ao movimento motorizado, e da ausência de potência de choque, a potência de fogo dos RC conduz o Cmt da DC a ver no RC Mec sua peça de manobra mais poderosa. Examinemos o quadro abaixo:

ARMAMENTO	ESQD C MEC	ESQD FZO HIPO
FM	3	9
L Rj	6	5
Mtr L	16	—
Mtr P	22	—
Mrt	3 (81 mm)	3 (60 mm)
Can AC	7	—
CAPACIDADE COMBATE A PÉ		
Homens que podem operar para o combate	51	90
	$9h \times 3GC = 27$ $8h \times 3GC = 24$ <hr/> 51	$9 GC \times 10 = 90$

O quadro dá uma idéia da potência de fogo de um Esqd C Mec, bem como focaliza um aspecto que, às vezes, passa despercebido — sua capacidade de combate a pé. Torna-se difícil compreender como pode o comandante da divisão — numa marcha para o combate, por exemplo — buscar o engajamento, empregando um elemento rápido e potente, para, num segundo tempo, realizar a ação decisiva com os regimentos a cavalo, dispondo de fraca potência de fogo e nenhuma capacidade de ação de choque.

2.4 — Dificuldade no apoio administrativo

A diversidade e o grande volume de suprimentos necessários para atender a elementos mecanizados e hipomóveis obriga a um apoio administrativo com características próprias. Outro problema é o da dificuldade de um mesmo elemento de apoio atuar em pro-

veito de Elm MM (geralmente empregados a distâncias relativamente grandes do grosso) e de Elm hipomóveis, que permanecem mais próximos dos meios de apoio administrativo.

2.5 — Inconveniência na utilização de um mesmo tipo de GU para cumprir tôdas as missões da Arma. O problema da Arma de Cavalaria e dos Blindados.

Qualquer GU ou unidade de Cavalaria, para que possa cumprir, com eficiência suas missões, deve possuir mobilidade tática superior à do conjunto de fôrças para a qual opera. As DC, atuando em conjunto com DI, que possuem capacidade mesmo parcial de motorização, perdem expressão como GU de combate. Nas preliminares da batalha, cumprem, de maneira deficiente, as missões de reconhecimento, segurança e ação retardadora; na batalha, tanto ofensiva como defensiva, a ação fica limitada ao cumprimento de missões em frentes muito secundárias e, normalmente, como unidades de economia de fôrças. No aproveitamento do êxito e perseguição, praticamente, as DC não têm participação, ou a têm inexpressiva.

Vejamos as missões da Cavalaria, prescritas no C 2-15, manual em vigor no Exército:

- Reconhecimento
- Segurança
- Ação Retardadora
- Intervenção na batalha ofensiva e defensiva, particularmente, como:
 - reserva móvel e potente na mão do chefe, e
 - unidade de economia de fôrça
- Aproveitamento do êxito e Perseguição.

Estas missões são tradicionais e permanecem inalteradas. Se a DC não as cumpre tôdas e se elas são necessárias e imprescindíveis, a quem estarão afetas as restantes?

Com o surgimento dos Blindados no Exército, a GU Blindada passou a desempenhar boa parte das missões antes entregues à DC, tais como:

- Nas ações ofensivas, após a ruptura ou cooperando na sua ultimação, é empregada no APROVEITAMENTO DO ÊXITO e na PERSEGUIÇÃO.
- Nas ações defensivas, é utilizada como RESERVA MÓVEL E POTENTE na mão do chefe, para sua intervenção decisiva na ação, realizando ou participando de contra-ataques. Ainda na defensiva, realiza a defesa móvel ou de área, a cobertura do escalão superior e a ação retardadora.

- Pela simples comparação das missões da Cavalaria, que são as da própria DC, e as da GU Blindada, sente-se, nitidamente, uma superposição. Com a constatação desta verdade, surgiram duas indagações:
- Os blindados cumprem ou não missões típicas de Cavalaria?
- Será possível organizar um único tipo de GU, que possua as características necessárias ao cumprimento de todas as missões da Arma?

Sem buscar exemplos em períodos mais recuados da história, procuremos nos reportar ao Exército de Napoleão. Ele possuía unidades e grandes unidades de Cavalaria ligeira e pesada, cada uma delas com missões, equipamento, instrução e características bem diversas. A primeira, mais leve, mais manobreira, mais fluida, era empregada, particularmente, nas missões de RECONHECIMENTO e SEGURANÇA. A segunda, com cavalos de maior massa, com cavaleiros equipados de semicourças e armados de longos e pesados sabres, era mantida como uma RESERVA MÓVEL E POTENTE NA MÃO DO CHEFE, a fim de, no momento oportuno, ser lançada numa carga violenta para acabar a batalha e, em seguida, no APROVEITAMENTO DO ÊXITO E PERSEGUIÇÃO. A partir da Segunda Grande Guerra, as GU Blindadas passaram a desempenhar algumas das missões típicas da Arma, ou melhor, aquelas antes atribuídas à Cavalaria Pesada. As unidades de carros, empregadas em massa, não deixam de ser a versão moderna dos couraceiros do Marechal Ney. O carro de combate reviveu a característica da ação de choque que a Cavalaria havia perdido com o advento da arma automática.

As Unidades aptas ao cumprimento, particularmente, de missões de RECONHECIMENTO e SEGURANÇA não podem nem devem ter, e nunca tiveram, as características exigidas para aquelas que são empregadas no APROVEITAMENTO DO ÊXITO e PERSEGUIÇÃO e na constituição duma RESERVA MÓVEL e POTENTE para intervenção nas batalhas ofensivas e defensivas. Necessitam ser mais leves, mais móveis, mais fluidas, ainda que menos potentes. Os esquadrões, regimentos e brigadas de Cavalaria Mecanizada possuem as características apontadas. São verdadeiras Unidades de Cavalaria Ligeira e depositárias do espírito dos Hussardos do Gen. Lasalle.

O que a Cavalaria Brasileira necessita não é de uma GU de tipo único e padrão. Necessita de unidades e grandes unidades dotadas de meios que a tornem capaz de atuar em qualquer tipo de terreno, ajustadas aos recursos sócio-econômicos da área de operações, em proveito de forças de qualquer natureza ou mobilidade e que cumpram, com eficiência, as missões para as quais foram organizadas, instruídas e equipadas. Para atender problemas de tal amplitude, a DC não responde às atuais exigências de uma guerra, nem mesmo em TO sul-americano. Impõe-se a necessidade de reestruturar a Cavalaria

em GU e unidades "ligeiras" e "pesadas", para que ela volte a cumprir tôdas as suas missões tradicionais. A Cavalaria, como qualquer outra arma, sempre se identificou pelas suas missões e nunca pelos meios utilizados, em qualquer fase do seu processo evolutivo. As missões da Arma continuam válidas e inalteráveis, portanto, em vez de CAVALARIA e BLINDADOS, poderíamos falar, sômente, em CAVALARIA e chamá-la:

- hipomóvel
- mecanizada
- blindada
- aeroterrestre
- aérea (como já existe no Exército Americano),

conforme o meio utilizado e função das exigências da missão, do terreno e dos meios em presença.

2.6 — Necessidade de uma organização ajustada às características das operações em TO continentais.

Nos Teatros de Operações Continentais estarão presentes certas condicionantes operacionais, que nos permitem tirar algumas conclusões sôbre o seu reflexo na organização da Arma. Em síntese:

- Os grandes espaços operacionais, conduzindo à guerra de movimento, a cavaleiro de eixos, exigem capacidade de manobra para o conjunto das forças em operações. Qualquer que seja a situação, a Cavalaria necessita ser a arma mais rápida no campo de batalha.
- A incidência de flancos descobertos e a deficiência de informações evidencia a necessidade de dosagem ponderável de Cavalaria, para atuar em proveito de exércitos, corpos de exércitos e divisões.
- As zonas de ação, quase sempre muito largas, exigem elementos aptos a operar como Unidades de economia de forças, nas partes secundárias da frente, e de reservas altamente móveis e potentes para que o chefe, no momento oportuno, possa intervir decisivamente na batalha.
- Terreno heterogêneo e acidentado e áreas pobremente humanizadas e carentes de recursos, mostram a inviabilidade de uma organização de tipo único e padronizado. O terreno de características heterogêneas e as diferentes condições sócio-econômicas das prováveis áreas operacionais não permitem pensar numa organização singular. No caso brasileiro, necessitamos de GU de Cavalaria Blindada e Mecanizada para cumprir tôdas as missões da Arma, em proveito de forças motorizadas ou semimotorizadas, naquelas regiões providas de sistema de transportes e de terreno compatível com êsses meios. Há, entretanto, outras áreas em que a carência de recursos, os

problemas de apoio às operações, a quase ausência de uma infra-estrutura de transportes, as dificuldades do terreno, levam a pensar em GU hipomóveis. O Brasil — país de dimensões continentais e com regiões nos mais diversos estágios de desenvolvimento — não pode abandonar, pura e simplesmente, o emprêgo de tropas a cavalo, pelo fato de que outros Exércitos, de padrão melhor que o nosso, com problemas bem diversos e com hipóteses de emprêgo próprias, já o fizeram.

Definidas as áreas onde a Cavalaria Hipomóvel poderá assegurar efetiva superioridade operacional, será necessário reorganizá-la, dispor suas unidades e atribuir-lhe missões em consonância com as características que lhe dão essa superioridade. Sua extraordinária fluidez em terrenos de solo lamacento e em regiões cobertas de vegetação de médio porte, a possibilidade de viver da exploração dos recursos locais e a aptidão para operações cuja descentralização desça aos menores escalões, são qualidades que devem ser preservadas. É mister reequipá-la de modo a incrementar sua capacidade manobreira; fornecer-lhe meios de apoio compatíveis com as missões que dela se espera; instruir seus quadros e tropa no desenvolvimento da iniciativa, no emprêgo de táticas de infiltrações, nas operações de guerra irregular e na realização de incursões; adestrar suas unidades elementares para a continuação do combate no interior das linhas inimigas, quando ultrapassadas pelos primeiros escalões do adversário; enfim, fazer dela um trunfo e não um pêso morto, no quadro de uma guerra que se delineia cada vez mais desvinculada das operações convencionais de linhas de contato definidas, frentes mobiliadas e manobras clássicas.

A manutenção da Cavalaria Hipomóvel está ligada, ainda, ao problema do aproveitamento dos meios existentes no momento e ao da impossibilidade de motorização total, em curto prazo. Atualmente, podemos pensar numa redução dos efetivos a cavalo em benefício da criação de unidades motomecanizadas, mas parece fora de dúvida que não se pode cogitar de sua extinção.

- Os meios em presença, normalmente reduzidos e com limitados órgãos de apoio, nos levam a concluir pela necessidade de organizações leves, de pequenos efetivos, equipadas com o material estritamente necessário, capazes de atuar independentemente e, muitas vezes, fora da distância de apoio dos grossos.

3 CARACTERÍSTICAS QUE DEVEM POSSUIR AS GU DE CAVALARIA

- 3.1 — Da análise das razões, que levaram ao estudo duma nova organização para a Cavalaria, foi possível encontrar os fundamentos para dar início ao trabalho.

3.2 — Antes de pensar na definição das características que devem possuir as GU da Arma, sentiu-se a necessidade do estabelecimento de algumas premissas básicas:

- A organização das GU e unidades deve atender às necessidades das Fôrças Terrestres Brasileiras, numa guerra em TO Continental, com o emprêgo de meios convencionais e recursos possíveis de mobilização, complementados ou não com importação.
- A organização deve permitir a absorção de novos equipamentos, sem necessidade de modificações profundas, para atender a hipótese de emprêgo em TO extracontinental, quer sob enquadramento de comando aliado, quer integrando fôrças da ONU.
- A organização deve indicar, nitidamente, a tendência para qual terá que evoluir a atual estrutura, em prazo útil e razoável.
- A organização em pessoal e material, ainda que prevista para o caso de mobilização, deve estar ajustada à realidade nacional e capaz de ser adotada desde o tempo de paz.
- A organização precisa ser de estrutura pouco volumosa, dotada do máximo de auto-suficiência e com apreciável mobilidade.
- A organização não pode ser de tipo único. As variadas missões da Arma exigem a constituição de unidades "ligeiras" e "pesadas", com características, possibilidades e oportunidades de emprêgo diversas, aconselhando a constituição de GU específicas.
- A ocorrência de áreas carentes de recursos, de terreno difícil e com deficiências no sistema de transportes, aliada aos problemas de aproveitamento do que possuímos e da impossibilidade econômica de motorização total, a curto prazo, aconselha a manutenção de GU e unidades a cavalo, até que as referidas condicionantes deixem de existir.

3.3 — Características a que devem atender as novas GU de Cavalaria

- Organização leve, buscando o máximo de potência e mobilidade num mínimo de efetivo, em pessoal e material.
- Organização flexível e homogênea.
- Potência de fogo e de choque compatível com o tipo de GU (unidade) e de acôrdo com as missões a cumprir.

- Mobilidade que lhe assegure a condição de ser a GU (unidade) mais rápida dentre as forças engajadas em combate.
- Fluidez que lhe permita, função do tipo, o máximo de insensibilidade ao terreno e às condições meteorológicas.
- Uniformidade, a maior possível, na organização dos diversos tipos de GU (unidades).
- Capacidade de enquadrar reforços.
- Auto-suficiência que permita o cumprimento de missões independentes ou fora da distância de apoio do escalão superior.
- Capacidade de reconhecimento e vigilância, qualquer que seja o tipo da GU.
- Capacidade de prover sua própria segurança.
- Capacidade de absorção de novos equipamentos, sem necessidade de modificações profundas na estrutura.

3.4 — Para atender ao que foi analisado anteriormente, especialmente o que consta em 3.2 e 3.3, tornou-se necessário definir o **escalão de emprêgo tático**.

O Escalão **Brigada** pareceu mais adequado pelas razões abaixo:

- para a Cavalaria Mecanizada, o escalão divisão, com pelo menos 2 comandos de brigada, cada uma enquadrando, no mínimo, 2 unidades (RCMec), tornaria a GU muito pesada e de difícil contrôle; tendo em vista o emprêgo de 4 RCMec no reconhecimento, por exemplo, a frente de atuação seria tão ampla que o Cmt da divisão dificilmente poderia controlar aquelas unidades, obrigando-o a descentralizar suas brigadas, não podendo, portanto, atuar como divisão. Em todos os Exércitos modernos, o escalão de emprêgo da Cavalaria Mecanizada é a Brigada;
- para a Cavalaria Blindada, além de razões econômicas não permitirem num futuro próximo possuímos uma divisão blindada, parece mais adequado, para um exército de recursos limitados, ter uma Brigada de Cavalaria Blindada e, quando possível, organizar outra ou outras, integrando-as ou não num escalão divisionário;
- a Cavalaria Hipomóvel necessita de uma organização mais leve, ajustada às características das operações em que será empregada, e que lhe permita obter o máximo de eficiência com os meios disponíveis no momento; além disso, se organizada em brigadas, atenderá com facilidade à transição para um dos outros dois tipos.

4. ORGANIZAÇÃO DAS UNIDADES E GRANDES UNIDADES

4.1 — Brigadas

4.1. — Há 3 tipos de GU:

- Brigada de Cavalaria Blindada
- Brigada de Cavalaria Mecanizada
- Brigada de Cavalaria Hipomóvel.

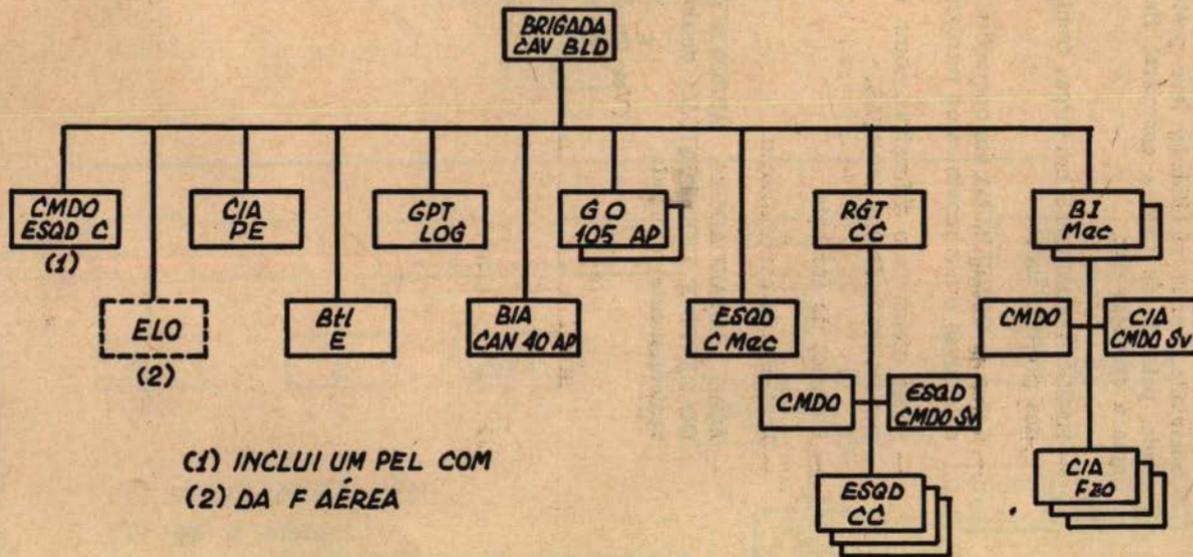
4.1.2 — *Brigada de Cavalaria Blindada* — GU pesada — caracterizada pela mobilidade, grande potência de fogo, proteção blindada e potência de choque, foi organizada para o cumprimento das seguintes missões:

- Operações ofensivas, particularmente o APROVEITAMENTO DO ÊXITO E PERSEGUIÇÃO.
- Operações defensivas, particularmente a AÇÃO RETARDADORA.
- Constituir-se numa REVISTA MÓVEL e POTENTE do escalão superior.

(ver Quadro 1)

BRIGADA DE CAVALARIA BLINDADA
(EFETIVO APROXIMADO: 5800h)

Quadro 1



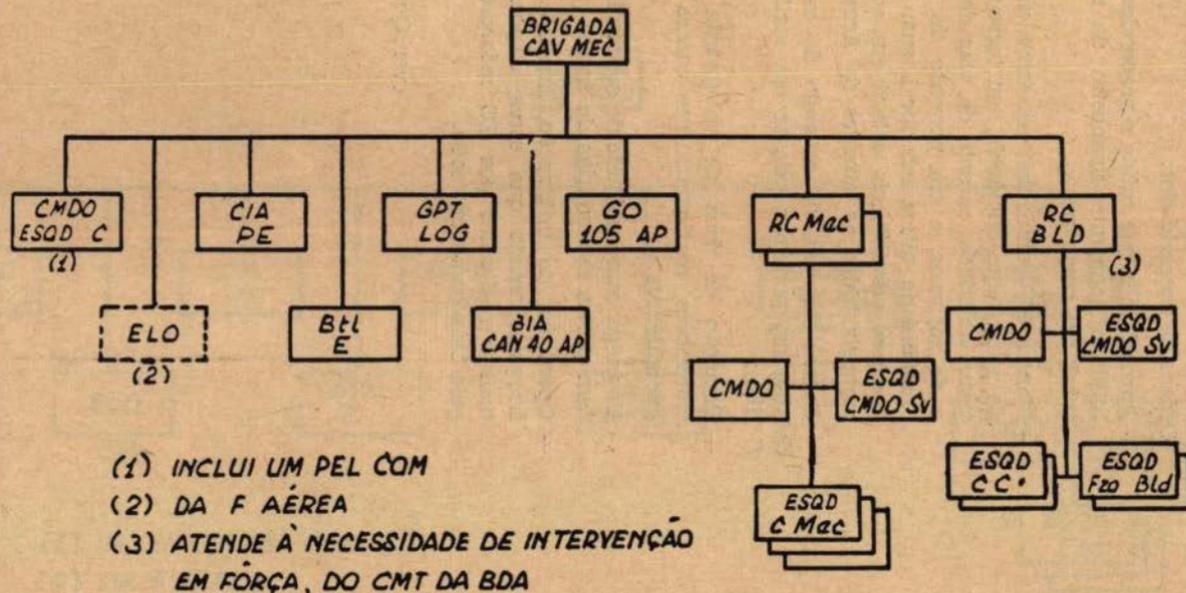
4.1.3 — *Brigada de Cavalaria Mecanizada* — GU ligeira — possuindo grande mobilidade, leve proteção blindada, potência de fogo e apreciável flexibilidade, apta à execução de :

- RECONHECIMENTO em largas frentes e grandes profundidades.
- Ações de COBERTURA em operações ofensivas, defensivas e nos movimentos retrógrados.
- Ações ofensivas e defensivas, como UNIDADE DE ECONOMIA DE FORÇAS.
- Ligações de combate.
- Proteção da concentração.
- AÇÃO RETARDADORA, APROVEITAMENTO DO ÊXITO E PERSEGUIÇÃO, desde que convenientemente reforçada.

(Ver Quadro 2)

BRIGADA DE CAVALARIA MECANIZADA

(EFETIVO APROXIMADO: 4200 h)



4.1.4 — *A Brigada de Cavalaria Hipomóvel* — GU de transição. Sua organização teve em vista atender a duas Ordens de necessidades:

- Aproveitar o que existe e responder à impossibilidade econômico-financeira de motorização total, em curto prazo.
- Manter GU (unidades) na Arma em condições de atuar, com eficiência, em terreno de difícil transitabilidade, carente de vias de transporte e de recursos, e em proveito de forças com mobilidade tática inferior à sua. Neste caso, pode-se admitir, ela estará em condições de cumprir tôdas as missões da Arma.

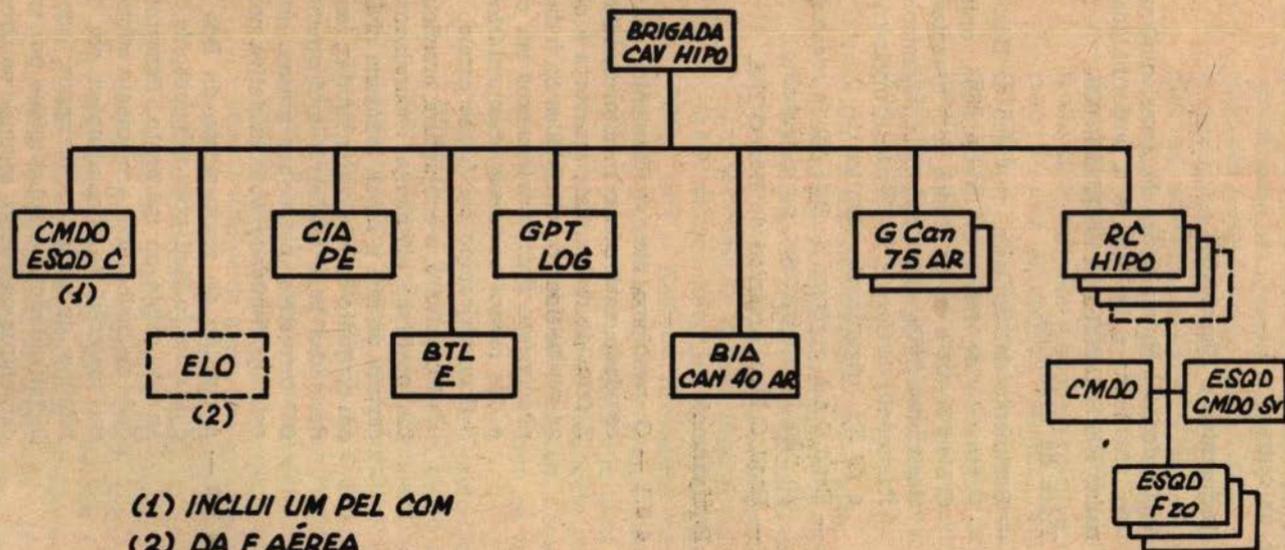
Outras missões, dependendo de estudos mais detalhados, podemos pensar em atribuir à Bda C Hipo:

- Proteção de área de retaguarda e vias de transporte, particularmente contra a ação de guerrilheiros.
- Emprêgo como unidade de economia de forças, em partes secundárias da frente.
- Operações de infiltração, incursões e guerra irregular, sendo que estas, é possível, serão melhor realizadas por RC reforçados do que pela Bda como um todo.

(ver Quadro 3)

BRIGADA DE CAVALARIA HIPOMÓVEL
(EFETIVO APROXIMADO: 5700 h)

Quadro 3



(1) INCLUI UM PEL COM
(2) DA F AÉREA

A Bda C Hipo deverá evoluir, no futuro, para um dos outros dois tipos. A evolução será facilitada por possuir uma estrutura básica semelhante às outras.

4.2 — Regimentos e Esquadrões

As Unidades e Subunidades da Arma, qualquer que seja o tipo, atendendo a tradição e a uniformidade, são denominadas REGIMENTOS e ESQUADRÕES.

Tipos de Unidades:

- Regimento de Cavalaria, orgânico de Bda C Hipo.
- Regimento de Cavalaria Mecanizada, orgânico de Bda C Mec, de DI e de Ex (todos com organização idêntica).
Regimento de Cavalaria Blindada, orgânico de Bda C Mec.
Regimento de Carros de Combate, orgânico de Bda C Bld e de Ex (organização idêntica).
- Esqd C Aet, orgânico de Bda Aet (a organização e emprego não foram tratados neste trabalho).
- Esqd C Mec, orgânico de Bda C Bld.

4.3 — Equipamento

4.3.1 — O problema do equipamento das fábricas foi estudado, mas não com a profundidade desejada. A falta de dados mais concretos e objetivos sobre as verdadeiras possibilidades da indústria, o desconhecimento dos planejamentos em curso no EME e dos nossos recursos orçamentários, obrigou-nos a ficar no campo das idéias gerais.

No entanto, a conjuntura brasileira, com aspectos positivos altamente encorajadores, nos dá a certeza de que a nossa indústria civil, trabalhando em conjunto ou não com a militar, tem as condições desejadas para iniciar o equipamento das nossas GU terrestres; parece-nos mesmo que ela procura essa oportunidade, cuja iniciativa nos cabe.

4.3.2 — A questão do equipamento da Bda C Hipomóvel é de solução fácil, pois, achamos, êle deve se limitar ao que existe no momento. Pensamos na necessidade de melhorar o armamento adotado, em fornecer material de comunicações, em dotá-la de um mínimo de meios motorizados, que poderão ser incrementados ou substituídos por transportes em cargueiros ou aéreos, segundo as circunstâncias em que será empregada.

A redução dos efetivos a cavalo permitirá a manutenção de regimentos mais completos, com o recebimento de pessoal, animais e material das unidades tornadas sem efetivo. Com o que existe, e procurando aproveitar aquilo que se ajusta ao tipo, às características e às missões das unidades, teremos brigadas e regimentos completos.

4.3.3 — Com relação às Bda C Bld e Bda C Mec, a questão é diferente, pois elas devem representar a tendência para a qual precisamos evoluir. Nós podemos organizá-las e equipá-las com o material existente, mas, desde logo, necessitamos iniciar estudos detalhados, e em bases reais, para decidir sobre o material mais conveniente. Pensamos em algumas idéias:

- Os carros de combate não podem ser muito pesados, pois temos problemas de rodovias e de capacidade de pontes. Necessidade de um combustível mais econômico que a gasolina. Precisam ser rústicos, de manutenção fácil e barata. Quais as características que deve possuir o CC ideal para o Exército Brasileiro? Temos condições de fabricá-lo em curto prazo? Caso negativo, qual o material estrangeiro que mais se adapta às nossas necessidades? Enquanto não estivermos em condições de responder a estas perguntas, é preferível continuar com os nossos carros atuais.
- Para o RC Mec parece ser preferível o **carro Blindado de Reconhecimento, sobre rodas**, por ser o mais barato, menos complexo, mais veloz, com consumo menor de combustível e capaz de ser produzido no Brasil. O C Bld é utilizado, com vantagens, nos Exércitos Francês e Britânico. Estes Exércitos conseguiram reabilitar as viaturas de reconhecimento sobre rodas, fabricando modelos de muito boa qualidade. O Brasil pode pensar em comprar algum material dessa natureza, desde que consiga a permissão e assistência técnica para fabricá-los aqui; ou, então, procurar partir, desde logo, para um protótipo nacional. Até lá, as Sec C Bld dos RC Mec podem continuar equipadas com os seus velhos carros, ou, chegamos a pensar, com viaturas nacionais de 1/4 t armadas com canhões sem recuo.

- As Cia Fzo dos RI Mec, os Esqd Fzo dos RCB e os GC dos RC Mec devem possuir viaturas blindadas de transporte de pessoal, se possível, anfíbias. Resolvido o problema do CC ou, mesmo, do C Bld, teremos resolvido o da VBTP. Como solução de emergência, as viaturas nacionais de 3/4, 1,5 ou 2,5 t podem transportar os GC dos RC Mec, RCB e BI Mec.
- A Artilharia precisa ser AP, por razões óbvias. Enquanto a Artilharia das Bda não puder ser deste tipo, organizemos grupos AR. Enquanto não tivermos material 105 suficiente, aproveitemos os antigos Can 75 AR. A AAAé pode ser organizada com material 40 AR, nacional.
- As GU das Fôrças Terrestres não podem mais prescindir de aviação leve. A Cavalaria moderna, particularmente, nas missões de Reconhecimento e Segurança, necessita de helicópteros para emprêgo em conjugação com os elementos terrestres. Aviões leves de observação e helicópteros (de observação e utilitários) precisam ser parte integrante das nossas Bda. Podem ser organizados como unidades da FAB, desde que fiquem sob nosso comando operacional. As ELO, como as chamamos, controlariam todo o material aéreo, mas seriam empregadas, diretamente, pelo Cmt da GU, em proveito do conjunto da Bda ou, como no caso dos RC Mec das Bda C Mec, fornecendo helicópteros ou aviões de observação para ampliar a capacidade de reconhecimento dos citados regimentos. A organização de unidades aéreas desse tipo, desde o tempo de paz, para atuação em proveito das GU de Cavalaria, não seria problema muito difícil de resolver e permitiria aumentar a eficiência de nossas Bda.
- As características do terreno dos nossos prováveis TO; as profundidades em que deverão atuar, normalmente, as GU de Cavalaria; a dificuldade de cerrar o apoio do escalão superior e a necessidade de assegurar a mobilidade que a Arma necessita, indicaram uma dotação ponderável de Engenharia. Precisamos, no entanto, fixar, com detalhes, quais as características do material a adotar e qual o nosso grau de dependência de importação.

- Finalmente, no tocante a material de **Comunicações**, tivemos que nos valer dos estudos em andamento, que visam a dar uma solução a esse angustiante problema de nosso Exército.

Assim, por exemplo, relativamente a material rádio, previmos dotar as Bda com as estações adequadas, dentre os sete tipos atualmente em estudos e início de produção. Consideramos, no entanto, a solução do problema de comunicações ainda em aberto, por existirem idéias que poderão levar a uma reformulação da organização em experiência.

5. CONCLUSOES

- 5.1 — A organização apresentada neste trabalho representa um objetivo a atingir, num prazo razoável. Foi calcado em premissas lógicas, não abandonando completamente a atual organização, mas aproveitando dela o que realmente tem de aproveitável. Ao mesmo tempo, não se hesitou em planejar para o futuro, baseando esse planejamento em nossas necessidades e possibilidades. Não houve otimismo exagerado, mas vontade de progredir, e sobretudo convicção de poder e ter de fazer, para não ser ultrapassado pelo apêgo a conceitos inaplicáveis na conjuntura atual.
- 5.2 — Sem grandes alterações na estrutura existente e sem criar problemas de difícil solução, esta organização poderá ser adotada desde o tempo de paz, assegurando, particularmente, um adestramento eficiente das unidades e caracterizando um sentido renovador para os quadros da Arma, de efeito psicológico altamente benéfico.
- 5.3 — A organização da Arma, com GU mais leves, homogêneas e com efetivos menores que as atuais DC, permite uma grande economia, principalmente em efetivos. A transformação, por exemplo, de duas DC em 2 Brigadas C Mec, de outras em 2 Brigadas C Hipo e da DB em Bda C Bld, proporcionará uma redução à metade dos atuais efetivos.
- 5.4 — O cumprimento das missões da Arma estaria assegurada de maneira eficiente, dando aos chefes dos escalões mais altos os meios necessários a prover suas necessidades operacionais, repondo a Cavalaria no seu verdadeiro quadro de emprêgo.
- 5.5 — A organização das GU com seus efetivos completos desde o tempo de paz, além das vantagens no que diz respeito a operações, asseguraria a possibilidade de emprêgo em situa-

ções de segurança interna, dispondo os chefes de uma tropa móvel, adestrada e equipada, sem necessidade de lançar mão de meios ocasionais para atender àquelas emergências.

- 5.6 — A idéia diretriz dêste trabalho foi a de trocar a quantidade pela qualidade, representada esta por homogeneidade, eficiência e crescente mobilidade, por forma a caracterizar de maneira clara e objetiva a transição da Arma para a mecanização, aspiração justa dos seus oficiais e quadros e necessidade inadiável das nossas Forças Terrestres.

N. R. — A Defesa Nacional muito agradeu o haver sido escolhida para a divulgação de estudo tão oportuno e importante. Nosso Exército acha-se em fase de franca evolução; todos os seus setores responsáveis estão decididamente voltados para uma reorganização em termos objetivos e progressistas, com vistas à maior eficiência da Instituição. Uma reestruturação em profundidade não poderia — não poderá — deixar de atentar para os problemas específicos de cada Arma e Serviço. Que êste trabalho, focalizando a tradicional Cavalaria, possa ser o primeiro de muitos do gênero, é o que desejamos e aguardamos, com as nossas páginas avidamente abertas.



PETROMINAS

Um nome

*genuinamente brasileiro
na distribuição de
derivados do petróleo*

PETROMINAS - Petróleo Minas Gerais S.A.
Rio - São Paulo - Belo Horizonte